

---

# NOTAS E COMENTÁRIOS

---

*Persp. Teol.* 21 (1989) 351-357

## O 7º ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs

### Aspectos teológicos

*Cleto Caliman S.D.B.*

Pretendo nesse rápido texto captar alguns elementos de interpretação do 7º Encontro Intereclesial das CEBs, realizado de 10 a 14 de julho passado, na cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense<sup>1</sup>. Esse acontecimento eclesial a um tempo celebrativo e de reflexão revela uma nova "visibilidade social" da Igreja. Por isso mesmo tem importância não apenas para as próprias CEBs, mas também para o conjunto da Igreja. Essa importância não escapa nem mesmo a seus críticos mais severos dentro e fora do espaço eclesial.

Mas para captar realmente seu significado é preciso ir além de uma análise que apenas o situe no contexto da atual conjuntura eclesial. Não raras vezes nossas análises de conjuntura eclesial pecam por observar apenas a superfície revolta das águas que faz a barca da Igreja balançar perigosamente, gerando o medo e a incerteza. Foi para evitar esse perigo que dias antes os teólogos da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião do Brasil), em sua carta de Vitória (7.7.1989), utilizando a imagem evangélica da barca batida pelos ventos e pelas águas revoltas, tentaram ir além. Orientaram seus leitores a buscarem as águas mais profundas do Evangelho, recobrando a confiança na ação do Espírito de Deus na história e na Igreja. Nós cremos que a barca da Igreja é suficientemente segura para enfrentar os ventos e as ondas da história. Aqui não se trata de discutir isso. Trata-se, isto sim, de relacionar o bar-

<sup>1</sup> Segundo a "Crônica e Síntese dos Plenários", elaborada pela secretaria do Intereclesial, participaram do Encontro 2.528 pessoas: 1.106 delegados das CEBs, vindos de 225 dioceses de um total de 252; 81 bispos do Brasil e 4 do estrangeiro; representantes de 18 países latino-americanos; 100 evangélicos, de 12 Igrejas diferentes, dentre os quais 6 bispos; 34 representantes dos povos indígenas; além de observadores de várias partes do mundo, assessores, convidados e representantes da Imprensa, num total de 185; e, finalmente, a fundamental retaguarda dos 871 membros das várias equipes de serviço. Deve-se notar que, pela primeira vez, estiveram presentes os 3 bispos da presidência da CNBB.

---

co da Igreja com o mundo, a história com o olhar fixo no grande horizonte do Reino.

Nesse sentido, muito rapidamente, desejaria colocar dois pressupostos para a leitura do 7º Encontro Intereclesial no contexto da atual conjuntura da Igreja. Um primeiro pressuposto de natureza teológica diz respeito ao estatuto teológico do mundo. Faz falta para nossas análises de conjuntura eclesial uma teologia do mundo, pensado como lugar teológico, onde Deus se revela a si mesmo e seu desígnio salvífico, lugar ao mesmo tempo de salvação e perdição. No contexto desse pressuposto, o mundo, a história, a teia de relações, que constituem a realidade pessoal e social, não são alheios à Igreja. Antes, no horizonte do Reino de Deus, o mundo é uma dimensão essencial da própria constituição da identidade da Igreja<sup>2</sup>.

O segundo pressuposto diz respeito à própria dinâmica do mundo pensado como história. A Igreja, como povo de Deus organizado na história e no horizonte último e definitivo do mundo — o Reino anunciado por Jesus Cristo e gestado em todos os tempos e lugares pela força do Espírito —, não pode deixar de discernir os “sinais dos tempos”. Tem que indagar continuamente o que Deus fala pelos acontecimentos, numa atitude de escuta. O que significa para a Igreja e sua missão a “crise de transição epocal” em curso atualmente? O que significa a emergência de novo sujeito histórico, que abala os fundamentos do mundo constituído pela modernidade? O que significa o “bloco histórico” dos oprimidos do Terceiro e Quarto Mundos e o surgimento por toda parte de movimentos sociais alternativos? Na América Latina o novo sujeito histórico emergente toma lugar na sociedade e na Igreja, traz consigo uma consciência histórica marcada pelo sofrimento, pela resistência de séculos e pelas lutas populares, tem rosto próprio, sua cultura. O fato é que no final deste milênio 70% dos católicos estarão vivendo nos países do Terceiro Mundo e apenas 30% no assim chamado Primeiro e Segundo Mundos. Pensar a Igreja neste final de milênio significa pensá-la a partir dessa nova realidade que a constitui como acontecimento vivo na força do Evangelho.

Posto neste contexto mais amplo, o Encontro de Duque de Caxias tem uma carga de significação que vai além dele mesmo — com todas as limitações, digamos, humanas que possa ter — e, imaginamos, parece antecipar uma maneira de ser Igreja para o futuro.

O Intereclesial se desenvolveu ao redor de três eixos que aprofundaram o grande tema: “Povo de Deus na América Latina a Caminho da Libertação”. Os sub-temas tocam precisamente três pontos cruciais do

---

<sup>2</sup> Cf. C. PALÁCIO, Identidade problemática. *Persp. Teol.* 21 (1989) 151-177.

---

atual "contencioso" ao redor das CEBs: A análise da realidade, a sua relação com a sociedade e sua eclesialidade.

### 1. A análise da realidade

Seria longo e, de certa forma, supérfluo detalhar aqui todos os dados do problema. De qualquer modo, ver a realidade não é privilégio, faz parte do agir pastoral de todos os tempos. O que varia é o tipo de saber que se utiliza como ferramenta para ver. Hoje se faz cada vez mais com as ferramentas que as ciências humanas nos oferecem. O saber da fé é cego sem essa mediação da razão histórica. Nos últimos séculos aprendemos, principalmente dos "mestres da suspeita", a compreender mais a fundo o mistério do ser humano, a sociedade e a própria religião. É evidente que a bitola do saber humano, qualquer que seja, é sempre estreita para nela caber a experiência da fé.

O povo das CEBs sabe disso. Sabe que o VER o ajuda ler a realidade e sua condição de pobre e oprimido dentro dela. Mas reconhece perfeitamente que não é esse ver sócio-analítico, mas a fé que o faz reconhecer o Cristo Senhor da história. Ele está aprendendo a ler as raízes históricas da opressão em que vive. Dimensões antes esquecidas são agora aferradas. A própria experiência dos cristãos no processo de libertação, à luz da fé, na leitura da Palavra de Deus se abriu para uma consciência histórica não mais reflexa, mas própria, a partir da situação concreta de seu sofrimento e de suas lutas. Isso se revela num sem número de fatos como as práticas pastorais populares, novas frentes de luta pela justiça, engajamento de cristãos populares nos sindicatos e em partidos políticos.

Esse é um processo pedagógico. A análise da realidade em uso nas CEBs e que mais uma vez se pôde verificar em Duque de Caxias, seguindo a prática pastoral latino-americana da libertação, de Medellín e de Puebla, de fato não reduz o campo de visão ao econômico e ao político, ao conflito entre capital e trabalho, entre oprimidos e opressores. O que pudemos perceber foi outra coisa: o alargamento da visão da realidade para o campo da diversidade étnica, cultural e religiosa. Um dos sinais desse alargamento foram as ricas celebrações do Encontro, cheias de variedade e de profunda significação para a fé radicada na vivência religiosa das comunidades.

O encontro revelou, sem sombra de dúvida, um alargamento da consciência histórica em três direções: 1) na direção da diversidade étnica e cultural, passou do genérico "pobre e oprimido" para captar a diversidade de rostos concretos: do índio, do negro, do mestiço, do branco, e assim por diante; 2) na direção de movimentos sociais alternativos

---

e, 3) na direção de um ecumenismo de base, em busca de uma solidariedade maior no "caminho da libertação".

A análise da realidade faz ver para além do conflito social, na resistência de cinco séculos, uma identidade cultural a ser recuperada, abrindo o continente para a esperança, inclusive para uma "nova evangelização".

## **2. A relação com a realidade social**

Neste segundo eixo se colocaram questões de extrema atualidade como a relação entre fé e política, a atuação política dos cristãos, a espiritualidade e a mística e, por fim, a articulação da "caridade política" em projetos concretos.

A relação entre fé e política sempre foi e continuará sendo problemática na história da Igreja. Trata-se de articular a gratuidade da fé ou, como alguém disse, a "curtição de Deus", com a eficácia histórica que a ação política exige. Neste caso não se trata de opor essas duas dimensões ou de negar a dimensão política da fé, mas de tomar consciência de sua especificidade cristã e de seus modos de articulação histórica.

Neste ponto, creio, estamos diante de uma caminhada já iniciada pelas CEBs, e que, ao mesmo tempo, abre novas perspectivas de presença cristã na sociedade conflitiva e se apresenta como desafio. Enumero alguns aspectos que apareceram nos plenários: 1) O povo das CEBs já tem uma consciência adquirida de que a fé tem uma dimensão política e que essa dimensão deve ser exercida no espaço autônomo da sociedade civil. Neste ponto o desafio consiste em passar da ação política mais geral no sindicato, nas associações de bairro, nos grupos de mulheres etc. para a política partidária. 2) Cresce a consciência de que, para a ação política à luz da fé, é necessário um projeto para uma "nova sociedade". Essa "utopia" é necessária para que o cristão na ação política não se reduza a mero "tarefeiro", ou seja, mero cumpridor de tarefas, sem a consciência de uma articulação maior com os grandes horizontes da história humana. Esse projeto de uma "nova sociedade" constitui um real desafio para as CEBs. 3) Crescem o número e a qualidade de cristãos militantes vindos das Comunidades Eclesiais. O grande desafio consiste ao mesmo tempo na alimentação da fé e na preservação da comunhão eclesial numa área por sua natureza cheia de tensões.

Como se pode já entrever, a novidade, se é que se pode dizer assim, é a nova fronteira pastoral com a qual se depara a Igreja nesse limiar dos anos 90. A questão partidária entrou no mundo das CEBs. Requer acompanhamento daqueles que foram gerados na fé pela Mãe-Igreja e enviados para um compromisso político como expressão privilegiada de caridade cristã. Pode-se falar de um processo de "desprivatização" da

---

caridade cristã pela efetivação de um compromisso político alimentado pela fé. Ultimamente nossos Pastores têm-se preocupado com essa nova fronteira pastoral e recomendaram uma pastoral de acompanhamento dos militantes cristãos<sup>3</sup>.

### 3. A eclesialidade das CEBs

É o que se discutiu por trás das questões propostas aos grupos e que emergiu dos plenários da manhã e, pela tarde, na grande Assembléia. Afinal, o que são mesmo as CEBs? Nem todos estão de acordo no modo de defini-la. São movimento social com colorido religioso? São um movimento eclesial como os outros? São a própria Igreja em movimento e, como tal, uma nova maneira de ser Igreja? As respostas dos analistas dependem mais de seus pressupostos de análise, do lugar a partir do qual lêem o fenômeno eclesial das CEBs do que de uma avaliação teológica. A resposta, creio, não pode vir isoladamente deste lado. Seria preciso ver o fenômeno à luz da ação do Espírito na história e na Igreja. Neste contexto, gostaria de fixar três pontos que me parecem característicos do Encontro de Duque de Caxias. O primeiro é o testemunho de que as Comunidades se sentem fortemente ancoradas numa fé comprometida, no contexto da realidade conflitiva e alimentada pela Palavra de Deus. Essa dimensão pertence à convicção mais radicada do caminho das comunidades. O segundo é a presença de quase 90 bispos conscientes das dificuldades que se colocam às CEBs, mas plenamente convencidos da profunda e radical vivência e comunhão eclesial que se vive na prática das CEBs espalhadas pelo país afora e de seu papel de pastores em meio ao povo de Deus. O terceiro é a alegria com que os membros da Assembléia receberam seus irmãos bispos, gratos pela solidariedade e pelo reconhecimento de sua caminhada, sentindo-se plenamente em comunhão com eles.

Como bem resumiu Frei Leonardo Boff, buscando inspiração em At 2, 42, as CEBs se mostram assíduas "ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e à oração". Elas têm a plena consciência de serem simplesmente Igreja. Essa certeza lhes advém acima de tudo da fé vivida e celebrada à luz da Palavra de Deus, no contexto de uma realidade que machuca, faz sofrer.

É uma maneira de ser Igreja plantada num lugar, com os pés no chão, de olhos abertos para a realidade socialmente conflitiva, para o valor do pobre e suas potencialidades que, nas diferenças étnicas e cul-

---

<sup>3</sup> Cf. *Igreja: Comunhão e Missão*, 213-227, especialmente 224 e 225.

---

turais, pode gerar uma fraternidade universal. O novo rosto da Igreja, visto a partir das CEBs é, sem dúvida, popular. Nele se expressa o novo sujeito eclesial emergente.

Em sua magistral "amarração" na grande Assembléia do 3º dia afirmava ainda L. Boff que está nascendo um novo tipo de cristão. 1) Um cristão militante, que leva às últimas conseqüências o seguimento de Cristo. 2) Um cristão companheiro de caminhada de todos os que se sentiram atingidos pela força do Espírito de Jesus Cristo. 3) Um cristão aberto a um novo tipo de ecumenismo, que nasce do serviço da libertação dos oprimidos, um ecumenismo popular. 4) Um cristão comprometido com o processo de libertação, que resgata a enorme "dívida histórica" para com os pobres do continente.

Há sinais evidentes dessa renovação evangélica no caminho das CEBs. Alguns foram lembrados no Encontro, tais como o martírio, uma nova mística de compromisso histórico, a renovação de antigos ministérios e a floração de novos, em resposta às exigências da situação, o crescimento do ecumenismo na base pelo serviço evangélico da libertação. Outros talvez menos lembrados, mas não menos significativos, como a redescoberta da religião popular a partir das CEBs e sua transformação desde dentro. Esse processo faz reacender das cinzas do passado aquela identidade cristã "tradicional" que parecia superada e perdida frente ao assédio da modernidade.

Postas as certezas que balizam o caminho, isto é, o enraizamento profundo na fé e na Palavra de Deus, a afirmação de um novo sujeito eclesial e seus frutos, sobram a olhos vistos grandes desafios. Há várias enumerações possíveis<sup>4</sup>. No contexto do 7º Intereclesial levanto alguns: 1) o desafio da relação das CEBs com a religião popular; 2) o desafio da relação das CEBs com a grande massa; 3) o desafio da cidade grande, ao passaram as CEBs de fenômeno quase rural para fenômeno urbano, nas periferias das grandes cidades do país; 4) o desafio da articulação das CEBs com o movimento popular (as CEBs são populares mas não são todo o movimento popular); com o conjunto da Igreja (as CEBs são um novo jeito de ser Igreja, mas não são toda a Igreja, daí a necessidade de cultivar a comunhão eclesial com os Pastores).

#### 4. Perspectivas

Para alguns o 7º Encontro Intereclesial das CEBs lhes parecia o último. O número sete é o número da plenitude. Mas não era por isso que

---

<sup>4</sup> Cf. C. BOFF, Desafios atuais da pastoral popular. *Tempo e Presença*, julho, 1988, 30-32; F. TEIXEIRA, CEBs, recriação evangelizadora. *Tempo e Presença*, setembro 1988, 30-32.

---

previam alguma interrupção no caminho dos Encontros Intereclesiais (o próximo Encontro foi marcado para a diocese de Santa Maria, RS), mas pelo pessimismo com que vêm o atual momento eclesial, numa fase "invernal". Para quem lá esteve e acompanhou a riqueza de expressão de fé eclesial, este Encontro marca uma transição para o que eu chamaria de "realismo pastoral". Não cabe nem o derrotismo nem o ufanismo fácil. As CEBs têm dificuldades a enfrentar, quer as que se anunciam do sofrimento do cotidiano num sistema massacrante, onde elas devem organizar sua presença eclesial de fé, quer as que lhes advém dessa fase "invernal" por que passa a Igreja, vivendo-a eclesialmente, na esperança que brota da experiência de resistência e de sofrimento. Na cruz se anuncia a páscoa. No inverno se anuncia a primavera. Se as CEBs se pretendem cristãs e eclesiais, e o são na verdade, então saberão viver o paradoxo da fé: viver nas contradições da história a luta pela libertação e, ao mesmo tempo, a inefável gratuidade dos bens do Reino.

---

---

**Cleto Caliman S.D.B.** fez seus estudos teológicos em São Paulo, Roma e Münster (Alemanha). É assessor da CNBB, secretário executivo do INP (Instituto Nacional de Pastoral), membro da Equipe de Reflexão Teológica da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional).

**Endereço:** Caixa postal 13-2067 – 70401 Brasília - DF